

# Como podemos avançar no atendimento de enfermagem ao paciente jovem com autolesão e tentativa de suicídio?



**Marcelle Paiano**

*Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) (2004), especialização em Saúde Coletiva pela UEM (2006), mestrado em Enfermagem pela UEM (2008) e doutorado em Enfermagem pela UEM (2013). Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Saúde Mental e Saúde Coletiva. Atualmente é Professora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá e Tutora do PET-Enfermagem da UEM.*

Sabe-se que as tentativas de suicídio e as autolesões em jovens no Brasil vem se tornando um grande problema de saúde pública. O suicídio traz consigo além dos fatores reconhecidos como a depressão, o abuso de álcool/drogas, o isolamento social, fatores de risco para o desenvolvimento humano como os sociais, culturais e econômicos.

Estudo publicado, demonstra que os adultos jovens (15 a 29 anos)<sup>1</sup> especialmente do sexo masculino, foram mais propensos a cometer o suicídio. Observa-se também, um aumento considerável do comportamento autolesivo na população escolar, e são poucos os estudos que investigam essa situação, em especial em adolescentes mais jovens, que muitas vezes mantêm esse comportamento em segredo. Neste sentido, é discutido a necessidade de maior integração entre educação, saúde, religião e, principalmente, a família – para melhor eficácia na prevenção do suicídio.

Na área da saúde, para fortalecer ações de prevenção ao suicídio na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), existem diversos pontos de atenção para atendimento, em especial a Estratégia Saúde da Família, que funciona como porta de entrada do sistema de saúde. No entanto, de acordo com literaturas especializadas sobre o tema, é demonstrado que os profissionais de enfermagem, preferencialmente na atenção primária, ainda se sentem despreparados para lidar com esta demanda de pa-

cientes<sup>2-4</sup>.

Um dos motivos deste despreparo, pode ser explicado pela nossa função primordial que consiste em cuidar, em salvar vidas. Os enfermeiros estão acostumados a cuidar de pessoas que adoecem por outros motivos. A falta de compreensão sobre a tentativa de suicídio causa desconforto emocional quando é preciso prestar atendimento, principalmente aos jovens. Neste contexto, os profissionais de saúde precisam driblar a resistência e o preconceito diante uma tentativa de autoexterminio, tendo em vista que desempenham um papel significativo na prevenção e tratamento do suicídio. Por conseguinte, podemos afirmar que a formação do enfermeiro precisa ser repensada, com a inclusão de habilidades relacionadas à autoconsciência, empatia, compreensão, comunicação, atitudes e conhecimento de comportamentos suicidas. Ainda sobre as ferramentas utilizadas pelos profissionais, deve-se investir no exame físico, exame do estado mental, avaliação e classificação de risco do suicídio, admissão do paciente em local seguro para ambas as partes, serviços de apoio e especializados, visitas domiciliares e orientações aos familiares e cuidadores quando for o caso. São intervenções flexíveis que devem ser revisadas periodicamente com o objetivo de reduzir o número de casos de suicídio.

Vale destacar, que os profissionais de enfermagem trabalham para prevenir, promover e tratar tanto

os pacientes quanto seus familiares. Isso porque, ao discutir saúde mental e suicídio, ambos devem ser orientados quanto aos sinais de alerta e aconselhados a procurar ajuda quando estiverem com dificuldades em lidar com as crises, inclusive para evitar o uso de substâncias psicoativas como mecanismos de enfrentamento.

Em relação aos atendimentos direcionados aos jovens, é necessário investimento em programas de prevenção, educação e conscientização para tentar reduzir a incidência desse ato. Para além disso, a promoção de espaços onde os adolescentes sejam ouvidos e compreendidos por profissionais qualificados sem julgamento prévio, onde se sintam acolhidos e valorizados são primordiais. Por isso, a necessidade de políticas públicas que ultrapassem as necessidades dos serviços de emergência em saúde mental e invistam em atividades fora do consultório, proporcionando espaços de escuta, que estimulem a autonomia e o compartilhamento de saberes com pessoas que vivenciam experiências semelhantes.

Por fim, para que o enfermeiro desenvolva as competências para lidar diante das diversas situações que possam surgir de forma eficaz, o processo de formação deve ser aprimorado, incluindo o cuidado de enfermagem nos diversos contextos do suicídio, trazendo à tona a importância de falar sobre este tema para desmascará-lo, preveni-lo e, finalmente, promover a vida.

## REFERÊNCIAS

1- Tardivo LSLPC et al. Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo. *Bol. Acad. Paul. Psicol.* 2022; 39(97):159-169. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2019000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 ago. 2022.

2- Pessoa DMS, Freitas RJM, Melo JAL, Barreto FA, Melo KCO, Dias ECS. Nursing assistance in primary health care for adolescents with suicidal ideations. *Rev Min Enferm.* 2020;24:e-

1290.

3- Monteiro SMAC, Silveira MAL, Zanchi ABD, Aguiar CD. Cuidados de enfermagem no atendimento ao indivíduo com tentativa de suicídio. *C&H.* 2020;1(1):138-52. Disponível em: <http://www.rechhc.com.br/index.php/rechhc/article/view/25>

4- Lopes CE, Araújo MGLS, Neri RSA, Name KPO. A importância da capacitação do enfermeiro frente ao paciente com risco de suicídio. *ReBIS.* 2019; 1(2):29-36.

